



Imagens cedidas pelo entrevistado.

PÁSSAROS E ÁGUAS DA SERRA DO CIPÓ

Entrevista com Mauro Luciano Dayrell

Mauro Luciano Dayrell é cirurgião dentista. Especialista em Clínica Geral e Prótese sobre Implante. Trabalha no Programa de Saúde da Família (Prefeitura de BH) e em sua clínica particular. Mora em Contagem, mas sua casa de coração é na Serra do Cipó.

Maria Antonieta Pereira é pós-doutora em Literatura Comparada. Professora aposentada FALE/UFMG. Coordenadora geral do Programa A tela e o texto.

Maria Antonieta Pereira - Você desenvolve um importante trabalho de preservação da natureza, protegendo os pássaros silvestres. Por que e quando você iniciou esse projeto?

Mauro Luciano Dayrell - Há 8 anos atrás, após terminar a construção da minha casinha na Serra do Cipó, notei que havia várias espécies de pássaros na região, porém, não havia

canário chapinha. Andei investigando e descobri que em uma fazenda a uns 10km de distância existia esse pássaro. Chamei Eduardo, meu cunhado, que conhece bem esta espécie para juntos fazermos um projeto de repovoamento do canário chapinha em meu sítio e nas redondezas. Ele fez nossa inscrição, e de mais dois rapazes vizinhos que gostavam de criar canário, junto ao Ibama como criadores amadores com o intuito de conservação e reprodução do canário. Espalhamos a notícia entre vários amigos e fomos ganhando casais de pássaros. Nessa altura, já havíamos construído um viveiro para a quarentena dos passarinhos, antes de soltá-los na natureza. Construímos vários comedouros e ninheiras e os espalhamos pelo sítio. Assim que os soltávamos, os canários iam ficando por ali, se acasalando, chocando vários filhotes e criando seus próprios territórios. Eles têm várias ninhadas por ano e chocam de 3 a 5 ovos de cada vez. Há um crescimento geométrico. É interessante observar que o próprio pai, depois de eles terem crescido e aprendido a se alimentar sozinhos, expulsa-os do território familiar.

Quais foram as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento da idéia?

Não tivemos muita dificuldade nos processos de criação, quarentena e soltura dos pássaros. Tivemos que lidar com a ansiedade de vê-los crescer, sumir de vez em quando e depois proliferarem.



Nesse projeto, você recebe ajuda de órgãos públicos e privados ou é uma iniciativa estritamente pessoal? Em termos financeiros, é um projeto muito caro?

Não recebemos ajuda de nenhum órgão público ou privado. A partir de agora, que já estamos mais estruturados e entendidos, vamos ao IBAMA para nos colocarmos à disposição para recebermos canários e outros pássaros apreendidos pelo

órgão para, depois de uma quarentena, soltarmos na natureza. Esse projeto não é caro, pois fomos nós mesmos que construímos alguns comedouros e instalamos algumas ninheiras em nosso sítio. E no mais, providenciamos a comida que colocamos para eles.



Você estabeleceu algum tipo de parceria para a realização do projeto? Os proprietários de sítios próximos ao seu também se envolveram com esse trabalho?

A única parceria que tenho é com meu cunhado, que também é um apaixonado pelos canários e entendedor da vida deles. Hoje já existem vários vizinhos que têm canários saídos lá de casa vivendo e chocando em seus sítios e fazendas. Mandamos recado para as pessoas que prendiam pássaros, avisando que se isso continuasse acontecendo iríamos comunicar ao IBAMA. Não tivemos mais notícias de aprisionamento de pássaros.

O projeto visa a proteger um tipo específico de passarinho ou atende a todos que frequentam o sítio?

O projeto de repovoamento é exclusivo de canários chapinha, mas nos comedouros comem todas as espécies que existem por lá: rolinhas fogo-pagô, rolinhas perdizes, papa-capim, tico-tico, tico-tico rei, tiziu, melros e alguns outros. Estou planejando plantar arroz em uma área a uns cem metros da casa para ver se os pássaros-pretos vem também pra mais perto, pois o canto deles é muito lindo. Atualmente, ouço seu canto lá longe, em um pasto do vizinho, e fico torcendo para eles virem comer aqui em casa. Plantei várias espécies de flores, inclusive por

saber que os beija-flores gostavam delas. Hoje existem mais de 5 tipos, de vários tamanhos e cores, curtindo nossa casa e nossas flores. Também ofereço mamões, abacates e bananas para várias espécies de pássaros que comem frutas: sabiás, sanhaços, saíras, trinca-ferros e outros. Já plantei vários abacateiros e bananeiras para futuramente ter essas frutas em abundância.



Quais foram, até agora, os principais resultados obtidos? O projeto está sendo ampliado para a proteção das nascentes da região? Há muitas pessoas envolvidas? Explique como isso está acontecendo.

O melhor de todos os resultados é que temos, agora, uma orquestra a nos embalar e nos encher de paz o dia inteiro. Vocês nem imaginam a beleza deles, amarelinhos, prá lá e prá cá, enchendo de brilho nossos olhos. Também estamos plantando uma semente no intuito de preservar nossas nascentes, plantas, árvores e flores do cerrado da Serra do Cipó. Todos os anos, pessoas inescrupulosas colocam fogo na serra, para que nasça um capinzinho verde para alimentar o gado. Muitas vezes o terreno nem é dessas pessoas. Esse fogo detona com árvores, arbustos, plantas em geral e as muitas flores dentro e fora das nascentes. Por isso, estamos criando uma associação para proteger as nascentes e a vegetação da Serra do Cipó. Cada morador contribuirá com uma quantidade pequena em dinheiro e contrataremos uma pessoa para trabalhar lá em cima, para inibir as ações depredadoras. Também, aos poucos, vamos fazer mutirões para cercar e fazer acero em volta das nascentes. Faremos o replantio com árvores do próprio cerrado e também com algumas cuja finalidade seja a preservação das águas e das nascentes. Vamos contar com a ajuda de um biólogo e um engenheiro florestal para que o replantio não atrapalhe em nada o meio ambiente. Várias pessoas que dependem dessas águas e os moradores em torno da região estão interessados no

projeto. Jair, um grande amigo meu que é engenheiro florestal, vai fazer palestras para conscientizar os sítiantes, fazendeiros e suas famílias sobre a importância, para nosso futuro, da preservação dessa maravilha que é a Serra do Cipó. Em meu sítio, já plantei mais de 600 árvores, não corto nenhuma e meu pomar é ecológico: feito no meio do mato e sem capinas. Só abro uma clareira para fazer uma cova. E, se necessário for para que bata o sol na fruteira, corto alguns galhos que estejam atrapalhando. SOU UM APAIXONADO PELA SERRA!

Maio de 2009.